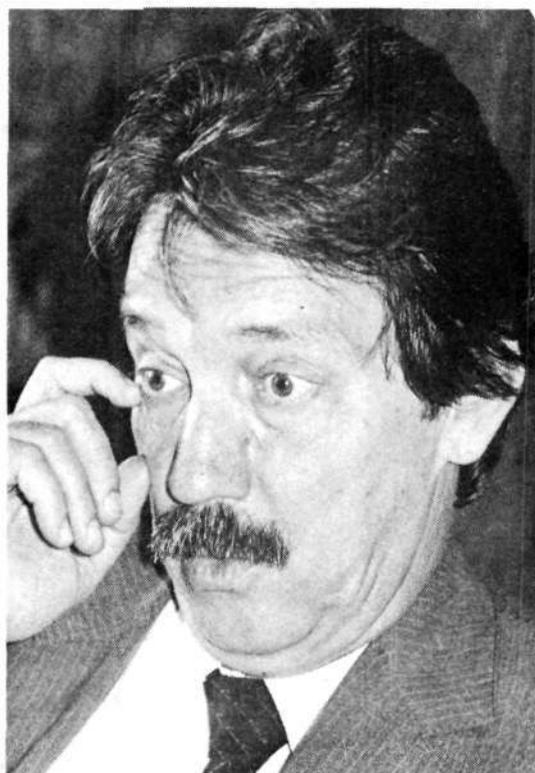


Reforma faz Sarney perder a paciência

Veto de Ulysses a Jereissati foi a gota d'água e Presidente já prepara ofensiva



Sarney convidou para o Gabinete Civil o deputado Prisco Viana, mas o PFL o vetou

É a vez do PFL: veto para Prisco

RUY FABIANO
Repórter Especial

O deputado Prisco Viana (PMDB-BA) dormiu e amanheceu ministro-chefe do Gabinete Civil. As dez da manhã, a minuta do decreto que o nomearia foi entregue ao ministro-demissionário Marco Maciel, após passar pelas mãos de Roseana Sarney. A partir daí, Prisco tornava-se ex-futuro ministro. Tal como Tasso Jereissati fora vetado na véspera pelo PMDB de Ulysses Guimarães, Prisco acabou vetado pelo PFL de Marco Maciel e Aureliano Chaves.

As 14 horas, Ronaldo Costa Couto telefonava para Prisco, que já arrumava as gavetas de seu gabinete na Câmara: — Estou lhe telefonando por recomendação do presidente Sarney — informava Costa Couto, procurando disfarçar o constrangimento da missão. O Presidente me convidou e eu aceitei: sou o ministro do Gabinete Civil.

Prisco confirmou ontem à noite, ao CORREIO BRAZILIENSE, ter recebido esse telefonema. Não quis, porém, revelar os termos da conversa.

Surpreso e decepcionado, foi

para casa. Lá, às 19 horas, receberia outro telefonema. Na linha, o presidente Sarney. E uma tortuosa explicação, recheada de desculpas. Tudo acontecia em função do ultimato do PFL, levado ao Palácio por Aureliano Chaves.

O PFL reunira-se, na véspera, e decidira: só continuaria dentro do Governo a partir de duas condições: — manutenção de seus espaços no primeiro escalão e a nomeação de um técnico, sem tradição política, ainda que do PMDB, para o Gabinete Civil. Mesmo assim, para compensar a perda daquela pasta, exigia nada menos que o Ministério do Interior. Maciel, pessoalmente, vetava Prisco — sob o argumento de que se tratava de um político experimentado, o aveludo do perfil desejado pelo PFL.

Sarney explicou ainda a Prisco que, além de sua nomeação, teria que rever outra. O senador João Alves, do PFL de Sergipe, o único pefelista que fez seu sucessor e se elegeu, já estava também escolhido ministro do Interior. Foi desnomeado também por Maciel

Presidente prestigia amigo poeta

O presidente José Sarney assistiu ontem, às 21h, na Casa do Ceará, o lançamento do livro "Canto de Amor ao Ceará" do poeta Artur Eduardo Benevides, professor de literatura e membro da Academia Cearense de Letras. O poeta foi saudado pela escritora Maria Beatriz Alcântara e apresentado pela presidente da casa, d. Meira Calmon Porto.

Artur Benevides exaltou a figura do poeta José Sarney lembrando o tempo em que ele comandou a renovação literária do Maranhão. E ressaltou que Sarney é passageiro de seu próprio sonho. O Presidente, após a solenidade, conheceu bibliotecas da Casa do Ceará, tomou refresco de caju, comeu tapioca e queijo do Ceará.

Presentes à solenidade estavam o governador José Aparecido de Oliveira, e os ministros da Marinha, Henrique Sabóia, e da Irrigação, Vicente Fialho. E o presidente dos Diários Associados e diretor-geral do CORREIO BRAZILIENSE, Paulo Cabral.

O presidente Sarney recebeu o título de sócio honorário da Casa do Ceará e uma colcha de retalhos para ser usada em seu sítio de São José do Pericumã.

Amigos do Presidente da República estão convencidos de que o episódio do veto ao governador Tasso Jereissati para o Ministério da Fazenda foi a gota d'água que transbordou sua paciência.

O Presidente, de acordo com o depoimento de um ministro de Estado, é muito paciente, porém não aceita ofensa a sua autoridade. Prefere exercê-la com harmonia, mas não recua se houver necessidade de afirmá-la.

POSICIONAMENTO

Toda a filosofia do Presidente foi a de governar com apoio do PMDB e do PFL, evitando atritos entre os dois partidos da Aliança. Esse senso de equilíbrio foi rompido com o episódio Jereissati e agravado com a declaração do presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, de que perguntassem "ao cidadão Sarney".

Essa frase o Presidente estranhou e cobrou de Ulysses Guimarães no café da manhã. Sarney estava também muito magoado com matérias publicadas em um jornal do Rio e em uma

revista nacional sobre sua filha, Roseana Murad, e o genro, Jorge Murad, a quem chama de seu "companheiro". Murad foi, sempre, seu confidente.

A nova fase do presidente José Sarney está sendo observada em três fatos: 1 - a escolha do ministro Ronaldo Costa Couto para o Gabinete Civil foi pessoal. O nome já havia sido comentado, inclusive por alguns governadores, como Marcelo Miranda, de Mato Grosso do Sul. Mas Sarney decidiu por ele quando ninguém mais o cogitava.

2 - O nome do deputado Joaquim Francisco não havia sido nem comentado para o Ministério do Interior. Sarney, porém, conhecia seu trabalho na Prefeitura de Recife e tinha boas referências dele, feitas pelo ministro Marco Maciel e pelo ex-governador Roberto Magalhães. Conversou com Maciel e escolheu-o de imediato.

3 - O Presidente não abre mão de que o secretário-geral do Ministério da Fazenda seja um nordestino ou nortista. Ele quer apoiar a região, promover o seu desenvolvimento, e acha que o cargo é importante para isto.

Na opinião de importante ministro de Estado, o Presidente é um homem afeito à vida política e sabe como fazer política. Provocado, como foi, reagirá. Disposto de todo o poder, tem amplas condições de manter a maioria do Congresso sem fazer concessões.

Na reunião dos líderes do PFL, a previsão era de que no PMDB ou no PFL não havia mais de 30 por cento em condições de romper com o Presidente a qualquer preço. Sarney pode administrar e fazer política ao mesmo tempo, sem necessidade de ser amparado por este ou aquele político.

Além das nomeações de Costa Couto e Joaquim Francisco, o Presidente sai do episódio com duas vantagens para a hipótese de querer enfrentar qualquer setor, qualquer político: 1º - o senador Marco Maciel, que hoje comparecerá ao PFL às 15h, está de volta ao Congresso e pode dar um grande impulso ao partido; 2º - o governador Tasso Jereissati e outros governadores do Nordeste sabem que sob o atual comando do PMDB não têm oportunidade. Ficarão apenas em posição secundária.

Presidente sente-se ferido

O presidente José Sarney está profundamente aborrecido e magoado com os acontecimentos que marcaram a escolha do novo Ministro da Fazenda, atribuindo aos ministros Raphael de Almeida Magalhães e Renato Archer grande parcela da responsabilidade e enxergando até uma verdadeira conspiração tramada por ambos junto a Ulysses Guimarães.

De acordo com um amigo íntimo de Sarney, na noite da última segunda-feira Ulysses Guimarães ainda insistiu com o Presidente em favor da nomeação de Raphael de Almeida Magalhães para o lugar de Dilson Funaro, gerando com esta atitude um diálogo áspero de parte a parte.

— Eu sou o Presidente da República, deputado. O Ministro da Fazenda vai ser o Bresser Pereira — disse Sarney, rispidamente.

— Você é o Presidente — retrucou Ulysses Guimarães —, mas quem lhe dá sustentação é o PMDB.

O duro diálogo entre Sarney e Ulysses, no entanto, é a ponta fina do iceberg que ameaça, frontalmente, o Governo. Afinal, na avaliação do senador Jutahy Magalhães (PMDB-BA), o Presidente da República está efetivamente disposto a partir para um confronto claro com o PMDB, o que ficou patente ao articular o convite "insólito" ao governador do Ceará, Tasso Jereissati, para ocupar o Ministério da Fazenda.

— Em vez de procurar compor-se com o partido, que é amplamente majoritário — observou Jutahy Magalhães —, Sarney optou por investir frontalmente contra o PMDB ao deslocar o ministro Ronaldo Costa Couto para o Gabinete Civil para entregar o Ministério do Interior, que era do PMDB ao PFL.

A estratégia do Presidente da República está sendo encarada com grande preocupação pelo senador baiano, pois para Jutahy Magalhães seria uma insensatez política de Sarney entrar em conflito com o PMDB buscando apoio no PFL. "um partido que não tem futuro eleitoral".

Os problemas entre o presidente José Sarney e o PMDB, que transformaram o governador cearense em vítima involuntária da reforma ministerial, não foram ainda sepultados, apesar da escolha de Bresser Pereira. Tasso Jereissati, na manhã de ontem, reuniu-se com a bancada federal de seu Estado para esclarecimentos sobre o assunto.

E fez questão de espicaçar Ulysses Guimarães, ao informar que o presidente do PMDB desgastou-se inutilmente com Sarney, pois após ouvir um impressionante relato sobre a economia brasileira que lhe foi feito pelos economistas Pêrsio Arida, André Lara Rezende, Miguel Ethel e Edmar Bacha, comunicou ao Presidente, exatamente às 14 horas, que decidira

não aceitar o convite para ocupar o Ministério da Fazenda.

— O veto de Ulysses Guimarães, portanto, não teve peso algum contra mim, pois só aconteceu no final da tarde de segunda-feira — afirmou.

A crise entre Sarney e o deputado Ulysses Guimarães, entretanto, vem corroendo violentamente não só a autoridade do Presidente da República como viabilizando a conspiração pela redução do seu mandato. Esta, pelo menos, é a crença do senador Virgílio Tavora (PDS-CE) em face da movimentação de parte da bancada do PMDB no sentido de fixar eleições diretas em 21 de abril do ano que vem.

Essa intenção, contudo, já começou a ser contestada no âmbito do segmento moderado do PMDB. Um de seus mais destacados representantes, o deputado Roberto Cardoso Alves (SP), defendia a manutenção do mandato de seis anos para Sarney, como está previsto na atual Constituição.

Para o deputado paulista, trata-se de direito adquirido e seria o mesmo que interromper os mandatos dos novos governadores e dos atuais congressistas. Além disso, segundo Roberto Cardoso Alves, "a Constituinte foi convocada por mensagem presidencial em proposta de emenda constitucional. Com isto, a atual estrutura constitucional terá vigência até o momento da promulgação da nova Carta em elaboração pela Assembleia Nacional Constituinte".